



## Hoje

Sua presença ancora essas perguntas em mim, intrigada pela escolha do local a ser construído tal monumento ao tempo. O contraste entre a arquitetura do museu e seu entorno se torna cada vez mais notável. Parece um elefante branco, como se não fosse afetado pelo tempo que erigiu a região. Um amanhã que mergulha o ontem na sua sombra. A escolha do lugar e do tema do museu soam como um terrível silêncio, abafando as vozes que aqui estão enterradas e que debaixo da terra murmuram.

Quero deitar e encostar meus ouvidos ao chão, tentar traduzir a vibração que os sussurros ecoam. Sinto que encontrar a ética imbuída na história que conta o museu é fazer esse trabalho arqueológico, de escavação, desconstruindo sua estrutura até expor sua fundação, profundamente arraigada neste solo feito do acúmulo e condensação de corpos negros e indígenas em degradação. É também fazer esse resgate histórico, de como se formou a terra em que se firma agora seu fundamento. Ao seu lado fica o Cais do Valongo, porta de entrada para o fim de muitos. Na rua Pedro Ernesto, dentro do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, está aberto um buraco que deixa à vista um cemitério, em que se estipula que estejam enterradas cerca de 30 mil pessoas escravizadas. Vivemos sobre os escombros de sítios de guerra por conquista territorial, e a ereção do museu nesse mesmo lugar parece ser a atualização dos empreendimentos coloniais sobre a historicidade do território que subjugou.

A mim pouco revela o amanhã ao qual o museu nos conduz: ao mesmo tempo que responsabiliza os humanos pela degradação do mundo, nos desresponsabiliza de pensar quais relações de poder e servidão possibilitam que as engrenagens de exploração continuem girando. Contraditoriamente, é a mesma exploração desenfreada dos recursos naturais e humanos do planeta que fornece a tecnologia que sua obra ostenta. A ética que desconfio nas estruturas do museu diz mais sobre o fio que o costurou na paisagem da zona portuária do RJ, lugar histórico de trocas materiais e simbólicas, de desvelamentos e encerramentos de amanhãs possíveis

## Ontem

O circuito de painéis interativos nos encaminha de volta à Baía de Guanabara, primeiro porto por onde chegaram embarcações como essa, trazendo más notícias de um futuro próximo. Imagino como seria se o tempo pudesse deixar o lastro de seu movimento, de todos os barcos que ali já aportaram: Boa Intenção, Caridade, Brinquedo dos Meninos, Feliz Destino, outros mais recentes, e os futuros que premeditaram ao desembarcar. Se pudesse sobrepor cada novo amanhã que aqui surgiu, observar quem foi, afinal, que mais uma vez acordou antes do dia raiar, e descendo o morro ergueu o sol sobre as costas.

Permanece a necessidade de ter de alcançar o hoje, como se estivéssemos ainda atrás da história presente que conta o museu. Essa embarcação, tão moderna, também pertence ao passado, atravessou o tempo e como um fantasma assombra sempre essa região. Sobre o período de “Bota-abaixo” empreendido por Pereira Passos em sua época, Lima Barreto (1881-1922) escreveu em sátira: “De uma hora para a outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia<sup>2</sup>”.

Já começam a se revelar os bastidores desse anfiteatro em forma de anúncio, Museu do Amanhã. Há semelhança nas estratégias para abafar as vozes que aqui contam sobre o tempo, embora sejam agora empregadas ferramentas mais refinadas, que continuam a perpetuar versões embranquecidas da nossa história coletiva. A história que o museu não conta é tão assombrosa quanto sua presença fantasmagórica: nossas memórias relegadas à sustentação de uma distopia importada. Quero deitar e encostar meus ouvidos ao chão, tentar traduzir a vibração que os sussurros ecoam. Sinto que encontrar a ética imbuída na história que conta o museu é fazer esse trabalho arqueológico, de escavação, desconstruindo sua estrutura até expor sua fundação, profundamente arraigada neste solo feito do acúmulo e condensação de corpos negros e indígenas em degradação.

Maio, 2019

2. BARRETO, Lima. Os Bruzundangas, 1922.